

3. Abordagens Funcionalistas e Cognitivistas

Apresentaremos, a seguir, as abordagens funcionalista e cognitivista que apresentam fatos em comum, mas, também divergências, conforme se verá no que se segue.

3.1 A relação *Nome-Verbo* na Gramática Cognitiva de Langacker.

A gramática de Langacker (1991) é uma entre outras sob a mesma perspectiva cognitivista que tem sua fundamentação no reconhecimento de duas funções básicas da linguagem, a saber, de comunicação/interação e de conceptualização. Pela função de comunicação/interação as unidades linguísticas são concebidas enquanto abstrações de eventos de uso, estando, portanto, sempre contextualizadas pelas situações em que ocorrem. As unidades do léxico e da gramática de uma língua são concebidas enquanto unidades simbólicas, representando pares indissociáveis de sons e significados. Desta forma, temos a ideia de um contínuo entre o léxico e a gramática que se configura como novo paradigma em oposição à ideia do léxico e da gramática enquanto instâncias distintas. Os componentes de uma língua como a semântica, a pragmática e a gramática, dentre outros, são considerados no paradigma cognitivista como dinâmicos, estando igualmente em continuidade, e não havendo dicotomia entre eles.

Os princípios básicos sobre os quais se fundamenta a Linguística Cognitiva são o reconhecimento que a linguagem é um sistema simbólico e que ela é um meio de comunicação e interação entre os agentes sociais. A gramática, em particular, é considerada dinâmica e em constante transformação, alterando-se ou mantendo-se graças ao uso linguístico de quem a utiliza. Desta forma, a gramática é concebida enquanto sistema de estruturação conceptual que envolve as capacidades cognitivas da memória, da percepção, da atenção e da categorização, além do conhecimento sobre o mundo e os mecanismos da imaginação e, sobretudo, da cognição como a metáfora e a metonímia, para citar apenas estas.

Langacker (1991) cita um exemplo de como as pessoas vêm um mesmo objeto diferentemente ao olharem para o céu estrelado e descrevê-lo enquanto constelações, um amontoado de estrelas, ou mesmo como pontinhos de luz. Cada uma destas expressões é distinta semanticamente e reflete diferentes formas de se elaborar a descrição de um mesmo panorama. Em outras palavras, são diferentes formas de conceptualização da realidade que influirão na construção do significado.

Observe-se que mesmo para descrevermos uma situação objetiva haverá sempre diferenças de significado dependendo de como a sentença seja construída. Ao considerarmos uma simples cena onde haja uma luminária sobre uma mesa, podemos descrevê-la dizendo *A luminária sobre a mesa* caso em que o foco está em luminária. Por outro lado, se dissermos *A mesa sob a luminária*, o foco se deslocará para A mesa. Se, ainda, acrescentarmos o verbo *estar*, teremos *A luminária está sobre a mesa* ou *A mesa está sob a luminária*, onde é estabelecida uma relação de proximidade entre dois objetos através da dimensão tempo¹. O significado é, portanto, construído com a conceptualização que vem a ser um processo cognitivo que envolve uma rede abrangendo amplamente desde experiências sensoriais, emocionais até o reconhecimento do contexto físico, social e linguístico por parte do falante.

Langacker define os nomes como denotando, esquematicamente, as coisas ou uma “região em algum domínio” e, prototipicamente, denotando um objeto físico discreto. Por outro lado, os verbos denotam esquematicamente uma relação temporal complexa, ou processo e, prototipicamente, uma relação entre objetos físicos discretos. Consequentemente, aqueles substantivos que não denotarem objetos físicos e verbos que não denotarem relações/processos estarão à margem de seus protótipos.

Para Langacker definir as categorias dos nomes e verbos em termos nocionais, o critério de delimitação (bounding) é de grande valia. Para os substantivos que se referem a objetos físicos a delimitação, contorno ou limite é o próprio espaço que ocupam; outros conceitos, como momento, instante e período estão delimitados pelo tempo. Substantivos como círculo, ponto, linha, etc., são

1 - Entretanto, conforme observa Langacker, existem normas em relação aos elementos focalizados. A referência a uma mesa sob uma luminária está longe de ser uma alternativa usual.

bidimensionais porque estão circunscritos em duas dimensões de limites (forma e tamanho). O substantivo *flash*, por exemplo, requer uma combinação de diferentes domínios tais como o tempo, porque é de pouquíssima duração, e o domínio do visual, porque é a visão rápida de um foco de luz.

Ainda em relação ao critério de delimitação (bounding), Langacker enfatiza o modo como construímos uma entidade que é concebida independentemente de considerações objetivas que se façam a seu respeito. Desta forma, *uma marca no tapete* pode ser entendida como um ponto que chame atenção pela diferença de cor se comparada ao tapete inteiro ou então apenas como uma localização na superfície e sendo, assim, de pouca ou nenhuma importância.

Além do critério de delimitação ou limite (bounding), temos o critério da interconectividade sem o qual não se consegue definir nocionalmente substantivos como time, constelação e alfabeto. Apesar de não ter forma espacial, um time é delimitado pelo fato de os jogadores estarem empenhados num mesmo objetivo, num esforço coletivo na intenção de uma vitória, evidenciando a ideia da interconectividade entre eles. Uma constelação está delimitada pela posição que as estrelas ocupam em relação entre si ou através de um desenho que as interconecta. O alfabeto, por sua vez, está delimitado pelas letras de que se compõe.

De acordo com Langacker, os significados das expressões linguísticas podem ser divididos em dois tipos: predicções relacionais e nominais. Entretanto, eles não são excludentes. Consideremos, por exemplo, redondo/círculo, explodir/explosão ou ainda, junto/grupo, que são predicções relacionais e nominais respectivamente. Diferem, todavia, no modo como o conteúdo é construído ou definido. A predicção relacional é dividida em predicções que caracterizam processos e aquelas que designam relações atemporais. A classe dos verbos, por exemplo, se encontra nas predicções processuais; por outro lado, as preposições, adjetivos, advérbios infinitivos e participios se encontram nas predicções atemporais.

Em relação aos verbos, Langacker (1991, p.85/86) diz que a mais importante distinção entre eles está no que chama de processos perfectivos e imperfectivos. Estes processos podem ser caracterizados por critérios gramaticais. Os imperfectivos, por exemplo, ocorrem no presente do indicativo, como em (16):

(16) *Harry resembles his father.*

e nunca no progressivo, como se vê em (17):

(17) * *Harry is resembling his father.*

Em contrapartida, os processos perfectivos ocorrem no progressivo, mas não no presente do indicativo. Por exemplo, (18) indica um processo perfectivo,

(18) *Tom is building a canoe.*

(19) * *Tom builds a canoe.*

Já a sentença (19) é possível e naturalmente aceita no inglês só se tiver a interpretação de ser um hábito, porém nunca indicando uma determinada instância de um processo ocorrendo no momento da fala.

Há vários outros verbos, entretanto, como *know* e *like* que podem pertencer a ambos os processos. É, também, o caso do verbo *have*. Senão, vejamos:

(20) *His parents have a lovely home in the country.*

(21) *His parents are having a violent argument.*

Em (20) o verbo *have*, usado no presente do indicativo, tem a conotação de posse, portanto, pertencendo ao processo imperfectivo enquanto em (21), usado no progressivo, tem conotação de ato de brigar, pertencendo, assim, ao processo perfectivo.

Além dos critérios gramaticais, outra característica que pode distinguir os dois tipos é que, enquanto os processos imperfectivos descrevem uma situação estável através do tempo, os perfectivos retratam mudanças através do tempo. Ou, por outra via, enquanto os perfectivos estão limitados ou delimitados de algum modo, os imperfectivos não apresentam sinais de limites ou delimitações.

Pelo processo perfectivo dois tipos de nominais são formados: os substantivos contáveis (*count nouns*) que possuem limites relativamente claros, como por exemplo, lago (*lake*), e os substantivos de massa ou substância (*mass nouns*), que não apresentam contornos, como por exemplo, água (*water*). Langacker (1991, p.99) postula que são idênticas as distinções para os processos perfectivos e imperfectivos e para os substantivos contáveis e de massa. Portanto, os processos perfectivos e igualmente os substantivos contáveis têm seus limites definidos, enquanto os imperfectivos e os substantivos de massa não apresentam tais limites.

Os substantivos abstratos que são derivados de verbos guardam o mesmo significado, diferindo apenas no que diz respeito à imagética de cada construção. Para ilustrar, tanto o verbo explodir quanto a nominalização explosão podem designar um mesmo evento (Alguma coisa *explodiu*; houve uma *explosão*), ou seja, a ocorrência do evento indicado pela semântica verbal. Porém explosão designa, também, um evento abstrato sem maiores especificações a respeito da ocorrência em si. Conforme as palavras de Langacker (1991, p.98):

“My own claim is that explode and explosion contrast semantically because they employ different images to structure the same conceptual content: explode imposes a processual construal on the profiled event, while explosion portrays it as an abstract region. Nominalizing a verb necessarily endows it with the conceptual properties characteristics of nouns.”

Assim, uma nominalização terá a mesma semântica de seu verbo correspondente, diferindo apenas no que diz respeito à imagem utilizada na construção do significado, além de sua formação se dar pela reificação de base verbal através de um substantivo. Explosão é um nome deverbal que descreve o simples evento de um processo perfectivo indicado pela base verbal, assim como pulo, arremesso, chute, grito, etc., configurados como substantivos contáveis. Em decorrência do fato de os processos perfectivos serem delimitados (*bounded*) as nominalizações correspondentes a estes verbos apresentam também, os traços indicativos de delimitação. Por outro lado, com os processos imperfectivos tais traços indicativos de delimitação não estão inerentemente presentes. Pelo processo imperfectivo não há limites na semântica de um substantivo de massa, como água, vinho, e areia. Há, ainda, outros padrões de nominalizações, como os substantivos contáveis variantes de esperança, medo e crença que designam o objeto do processo indicado pelo verbo e, não, o processo de reificação em si. E, finalmente, há os substantivos abstratos que não são derivados de verbos, como por exemplo, sagacidade, castidade, aflição, fé.

No inglês, as nominalizações também ocorrem através do recurso morfológico de adição do sufixo *-ing* a bases verbais e estas são genericamente chamadas de gerundivas. Pelo processo perfectivo, os verbos *jump*, *yell*, *walk* geram as nominalizações de nomes de massa como *jumping*, *yelling*, *walking*, etc.. A diferença entre substantivos contáveis e nomes de massa como em *jump* e *jumping* é semelhante à que existe entre *lake* e *water*, ou seja, enquanto nos

substantivos contáveis (*lake*) a ideia de limite ou de delimitação está implícita, por outro lado, nos nomes de massa (*water*) não há tal especificação.

Os verbos, assim como os nomes, são fundamentais à estrutura gramatical e, segundo Langacker, a gramática cognitiva, ao adotar a visão conceptualista e imagética da semântica linguística, torna possível alcançar a caracterização nocional das classes de substantivos e verbos, bem como de suas principais subclasses. Segundo ele, não há esperança de encontrarmos definições universalmente válidas baseadas em fatores objetivos ou mesmo com base em um conceito isolado. O importante aqui é dizer, ao nível do processamento cognitivo, de que forma o conteúdo é acessado e construído.

3.2 O tratamento da nominalização na linguística Sistêmico Funcional de Halliday.

A Linguística Sistêmico Funcional (LSF) é elaborada por Michael Halliday tendo por base o pressuposto de que a linguagem é um sistema semiótico da cultura humana. Portanto, está inserida socialmente e daí decorre sua perspectiva sócio-semiótica. A linguagem não é vista como um sistema de formas arbitrárias produzindo significados, mas, antes, um sistema de significados unidos a uma forma. Halliday, juntamente com Hasan (1989), entende a linguagem em termos de possibilidades de organização semântica do sistema e construída em função dos significados ideacional, interpessoal e textual presentes nas estruturas oracionais. Os significados ideacionais referem-se à experiência exterior (de mundo) ou interior (da consciência); os interpessoais se relacionam à interação entre as pessoas, as atitudes, expectativas e demandas do falante, etc.; e, por fim, os textuais correspondem aos outros dois tipos de significados através da forma com que elaboram e organizam suas mensagens através de orações.

A LSF aborda o fenômeno das nominalizações enquanto metáfora gramatical uma vez que nominalizações expressam diferentes significados quando, por exemplo, da transformação de ideias mais concretas em mais abstratas e complexas. O conceito de metáfora lexical parte da palavra para a compreensão do sentido de uma expressão. Por outro lado, pelo conceito de metáfora gramatical, parte-se do significado para realizar outros sentidos e

expressões. Importa saber, na metáfora gramatical, em quais diferentes maneiras um determinado significado pode ser expresso e realizado.

A análise gramatical é considerada ferramenta básica para a compreensão de um texto que, por sua vez, é considerado como unidade semântica e não como unidade gramatical onde seus significados são construídos por fraseados. Contudo, sem uma teoria de fraseados, ou melhor, sem a gramática, não há como deixar clara a interpretação de alguém sobre o significado de um determinado texto.

Grosso modo, a teoria Sistêmico-Funcional se preocupa com a natureza ideacional, interpessoal e textual da linguagem, valorizando os contextos situacionais e culturais para a compreensão e produção de significados.

Faremos agora uma breve exposição sobre as nominalizações sob a ótica funcionalista-cognitivista. Começaremos por mostrar a perspectiva de Liesbet Heyvaert, que mescla o funcionalismo-sistêmico de Halliday com a gramática cognitiva de Langacker.

3.3 Uma abordagem funcionalista-cognitivista da nominalização, segundo Liesbet Heyvaert.

Sob a perspectiva do funcionalismo-cognitivista, Liesbet Heyvaert (2003) agrega o cognitivismo de Langacker à visão sistêmico-funcionalista de Halliday. A língua é concebida como funcional e cognitiva. Funcional porque considera a natureza do sistema linguístico como relacionada às necessidades do usuário, Halliday (1970b: 142). Cognitiva porque emprega várias habilidades ditas cognitivas nas construções linguísticas, como a memória, a percepção, a atenção, a categorização, além dos mecanismos da imaginação como a metáfora e a metonímia. O sistema linguístico é visto como inerente à cognição humana, sendo moldado não só pelas funções a que serve, mas também pelas habilidades cognitivas de quem as usa. O sistema linguístico, entretanto, sanciona o uso da linguagem. Assim, através da interação dinâmica entre o sistema e seu uso, ou seja, pelo confronto da linguagem convencionalizada com o esforço do usuário em se expressar, é formado o que Langacker chama de lugar onde as estruturas

linguísticas se entrecruzam (*crucible of linguistic structure*) e fonte da mudança linguística (*source of language change*). Desta forma, ao se tentar elucidar quaisquer construções no sistema linguístico, deve-se abordá-las pela perspectiva baseada no uso.

Pela perspectiva funcionalista-cognitivista as nominalizações são motivadas sistemicamente, resultantes da interação constante entre o uso e o sistema da língua e apresentando, ainda, outras propriedades tais como os graus de consolidação (*entrenchment*). Langacker refere-se, com este termo, àquelas unidades que, pela quantidade de vezes usadas já atingiram status de unidades convencionais, portanto fazendo parte do conjunto de expressões fixas de uma língua. Além disto, para a construção de uma nominalização, vários julgamentos categorizantes são feitos e, segundo Langacker, toda categorização se dá através da síntese de protótipos com esquemas. Os protótipos são os exemplares físicos, enquanto os esquemas são modelos abstratos que representam aquilo que é comum às estruturas que categorizam. Assim, por exemplo, o conceito *ferramenta* guarda uma relação esquemática com serrote e martelo.

Mas como o conceito de categorização se aplicaria à análise das nominalizações? Para esta pergunta Heyvaert, baseada em Langacker, responde que quando é discernível um padrão comum em certo número de construções nominais o usuário da língua extrai o esquema construcional que representa o que a categoria tem de característico. Desta forma, as várias instâncias desses esquemas são, então, categorizadas como membros de um tipo particular de nominalização, como os verbais em *-er* ou as gerundivas em *-ing*, no qual suas estruturas são motivadas sistemicamente em vez de serem arbitrárias.

As nominalizações resultantes do processo morfológico de adição do sufixo *-ing* a suas bases verbais são classificadas de *gerundivas* e de *nominais de ação*. Para fazer tal distinção, Heyvaert, (2003, p. 222/223), vai se utilizar das observações de Lees (1968), segundo o qual as gerundivas podem utilizar auxiliares, (cf. 22), e advérbios (cf. 23), não havendo ocorrência perifrástica de participantes (cf. 24); enquanto com os chamados nominais de ação (cf. 25), não é possível a utilização de auxiliares, mas podem ser usados adjetivos (cf. 26), em vez de advérbios, podendo haver, em contraste, ocorrência perifrástica de participantes (cf. 27), conforme verificamos abaixo:

Nominalizações Gerundivas:

(22) *his having brought up the box.*

(23) *his drawing the picture rapidly.*

(24) *his drawing the picture.*

Nominais de Ação:

(25) * *his having brought up of the box.*

(26) *his rapid drawing of the picture.*

(27) *his drawing of the picture.*

Ainda de acordo com Lees (1968), as nominalizações gerundivas podem representar ações ou fatos e quando representarem ações há que se fazer distinção entre as gerundivas de ação e os nominais de ação. Para ilustrar, a frase (28) contém um nominal de ação, enquanto a frase (29) contém uma nominalização gerundiva de ação:

(28) *Zelda's reluctant signing of the contract surprised the entire crew.*

(29) *Zelda's reluctantly signing the contract surprised the entire crew.*

De acordo com Heyvaert, no nominal de ação em (28) ocorre a reificação da base verbal (sign) em um substantivo (signing), cuja característica semântica se configura por ser limitada a um tipo específico, (no caso, “assinatura de contrato”) e acompanhado de um adjetivo (“reluctant”). Por outro lado, em (29) a nominalização não é derivada do verbo, mas sim do núcleo de uma expressão atemporal (*signing the contract*), acompanhada de advérbio (*reluctantly*).

Pelas características lexicogramaticais, o sufixo *-ing* nos nominais de ação desempenha papel nominalizador acarretando mudança de classe, de verbo para substantivo, enquanto nas gerundivas o sufixo *-ing* desempenha apenas papel de marcador verbal atemporal, sem mudança de classe. Outras características que Lees já apontava residem nos fatos de que o sufixo *-ing* pode ser adicionado tanto a verbos de estado quanto a verbos de ação e de que as nominalizações gerundivas poderiam ser formadas a partir de quaisquer dos dois tipos de verbos, enquanto os nominais de ação como em (30),

(30) *the signing of the contract,*

somente a partir dos verbos de ação. Além disso, o sufixo *-ing* nas gerundivas pode ser sistemicamente relacionado ao infinitivo com “*to*”, que nada mais é do que alternativa para a forma gerundiva, como em (31), e ao presente quando iniciado pela locução *the fact that* :

(31) *his having a hat* ↔ *for him to have a hat* ↔ *the fact that he has a hat*

Além das gerundivas de ação e nominais de ação, temos as gerundivas que se referem a fatos. As frases (32) e (33) ilustram gerundivas factuais:

(32) *His eating vegetables* is surprising.

(33) *His dressing himself* is funny.

Segundo Lees, a diferença entre os dois tipos, factual e de ação, é que as gerundivas factuais podem ocorrer em frases onde o sujeito e o auxiliar podem estar ausentes.

(34) “*Having gone pleased us*”,

é exemplo de gerundiva factual onde o sujeito é implicitamente “*we*”, mas não está presente. A mesma afirmativa para as gerundivas de ação não é verdadeira. As gerundivas de ação não têm sujeito e auxiliar expressos, conforme ilustram as frases (35) e (36):

(35) *Eating vegetables* is healthy.

(36) *Dressing oneself* is fun.

As diferenças entre as nominalizações gerundivas de ação, as factuais e os nominais de ação, sob o ponto de vista de Heyvaert, podem ser resumidas, compreendidas e visualizadas através do quadro 2, vide Anexo.

De acordo com Heyvaert (2003, p.229/230), uma importante contribuição para a análise das nominalizações gerundivas é feita por Schachter (1976), que as entende como categorias de orações, apenas, rompendo com a abordagem transformacionista de Lees, que as considerava como derivadas de estruturas mais profundas, ou como orações transformadas. Schachter compara o comportamento das nominalizações gerundivas ao dos substantivos não-contáveis no que diz respeito aos usos genérico e não genérico. Vejamos:

(37) *Going to the beach* is enjoyable.

(38) *Milk* does something for every body.

(39) I enjoyed *going to the beach* yesterday.

(40) There's *milk* all over the kitchen floor.

Em (37), a nominalização (*going to the beach*) refere-se a um tipo geral de atividade, e não a um exemplo definido e pode ser comparada ao uso genérico dos substantivos não-contáveis (*Milk*), em (38). Em contrapartida, em (39), a nominalização (*going to the beach*) se refere a um evento específico de ir à praia, que é reforçado pela ideia de quando aconteceu (*yesterday*). Podemos, assim, comparar assim (39) a (40), onde o substantivo (*milk*), apesar de não-contável, se refere tão somente àquela quantidade que foi derramada, ou seja, ao uso não generalizado dos substantivos não-contáveis.

A análise de Schachter (1976), como se vê, é pioneira ao mostrar as semelhanças sistemáticas de propriedades nominais das nominalizações gerundivas com os substantivos comuns e não-contáveis e veio trazer novas perspectivas ao seu entendimento.

A seguir, sintetizamos, a título de exemplo, trabalhos realizados na abordagem do funcionalismo sistêmico e cognitivista no tratamento das nominalizações, no Brasil.

Gebrin (2003), a partir da perspectiva teórica de Halliday (1994) de que a linguagem escrita apresenta maior densidade lexical do que a falada, porque condensaria grande variedade de itens lexicais dentro de uma oração, apresenta um estudo onde faz análise manual e exploratória do gênero *resumo científico*, no qual suas conclusões parecem corroborar as considerações teóricas de não só de Halliday, mas também de Huston e Thompson, conforme veremos a seguir.

Segundo Huston (1994), textos científicos devem apagar quaisquer traços de subjetividade do texto em prol da objetividade e neutralidade científicas e sendo que as nominalizações se prestam bem a esta função. Gebrin, no mesmo estudo, aponta para o fato de que o gênero *resumo científico*, por sua própria característica de ser conciso, é também altamente informativo, apresentando grande densidade lexical, mas baixa complexidade gramatical. Além disso, as nominalizações contribuem para a impessoalização do discurso, já que permitem a omissão dos agentes, das relações de tempo e mesmo, digamos, da posição

política do escritor. Por outro lado, através do processo de reificação, ocorre inversamente uma desumanização e, com isso, há perda do caráter de dinamicidade inerente aos seres vivos em prol de uma coisificação dos processos.

De acordo com Thompson (1994), na condensação de vários itens lexicais que ocorre em uma nominalização se dá, também, a perda do agente do processo e a permissão de que o processo seja objetificado. Com o estudo, a autora comprova e demonstra que, no gênero *resumo científico*, uma das funções da nominalização é a de encapsular processos condensando um maior número de informações através do realinhamento dos elementos da mensagem, sendo as nominalizações consideradas mesmo como metáforas gramaticais.

Outro estudo sob a teoria sistêmico-funcional e inserida na área de Linguística de Corpus, de Biber (1998) é o de Valério (2007). Com o objetivo de aprofundar estudos sobre a escrita em português na universidade, este projeto compila e analisa várias teses e dissertações de alunos universitários. Neste estudo a autora investiga gêneros do discurso acadêmico, em particular, o uso da metáfora gramatical em textos produzidos por pós-graduandos.

No próximo capítulo, faremos uma breve exposição do tratamento dispensado às nominalizações pelo lexicalismo gerativista de Chomsky, bem como das nominalizações gerundivas e derivados nominais no inglês e no português.